

A biografia e seu papel na imigração Sírio-libanesa

Enviado em:
13/04/2014
Aprovado em:
01/12/2014

Renata Geraissati Castro de Almeida

rgeraissati@gmail.com
Universidade Federal de São Paulo

Resumo

: Atualmente o gênero biográfico tem ocupado um papel central nas produções históricas, e a utilização de sua metodologia pode ser bastante benéfica para os estudos da imigração, pois estes geralmente tendem a considerar o imigrante como um ator coletivo sem conceber suas diferenças, tanto de nacionalidades, quanto de indivíduos dentro de um mesmo grupo, que tem reflexo em termos de decisões políticas, econômicas e de ação social. O artigo utiliza desta metodologia para analisar a trajetória de um imigrante da colônia sírio-libanesa, Rizkallah Jorge Tahan e sua posição frente a esta.

75

Palavras-Chave

Imigração; Sírio-Libanesa; Biografia

Abstract

Nowadays the biographical genre has occupied a central role in historical productions, and the use of its methodology can be quite beneficial to the immigration studies, because these tend to consider the immigrant as a collective actor regardless of their differences, both between different nationalities, as a individual in a same group, these differences will impact both in terms of political decisions, as in economic and social action. The article uses this methodology to analyze the trajectory of an immigrant from Syrian colony, Rizakallah Jorge Tahan, and his position related to it.

Keywords

Immigration; Syrian-Lebanese; Biography

Introdução

A biografia possibilita diversas possibilidades de análise e está permeada por uma série de ambiguidades, como destacado por Giovanni Levi (LEVI, 2001). Para este estudo é utilizada a metodologia de Carlos Roberto Monteiro de Andrade (ANDRADE, 2010), que consiste em: após ter foco em um determinado objeto, ao realizar um estudo de sua trajetória deve-se amarrar o contexto em que o profissional se insere, sua formação, seu meio e a cultura.

Para a análise da imigração sírio libanesa elegeu-se, portanto como ator social representativo desta Rizkallah Jorge Tahan, que em sua trajetória, tanto profissional quanto pessoal, atuou intensamente no mercado imobiliário, no ramo da construção civil salubre e higiênica e desempenhou uma série de atividades de urbanização na capital paulista. Procurou-se, dessa maneira, entender suas formas de viver na cidade e suas redes sociais, enxergando o homem que soube, diligentemente, construir um papel “positivo” junto às comunidades que frequentou e, conseqüentemente, criou representações de sua pessoa e negócios. Posto isto, convém frisar que o recorte temporal desta pesquisa foi de 1895, ano em que se estabeleceu no Brasil, aportando em Santos, até o ano de sua morte, em 1949.

Começamos conhecendo a trajetória de Rizkallah na capital, sua inserção no contexto migratório paulista, dos sírio-libaneses e os aspectos que propiciaram com que este pudesse deixar diversas marcas na cidade.

São Paulo e os imigrantes: sua afirmação no espaço

Ao se pensar as transformações pelas quais passou a cidade de São Paulo durante os séculos XIX e XX não se pode negar que um elemento foi imprescindível nesta conjuntura, o imigrante. Este que foi importante não apenas para a capital, mas para a América como um todo. Este continente recebeu só entre os anos de 1880 e 1915, cerca de 31 milhões de pessoas que saíram de seus locais de origem buscando melhores condições de vida. Dentro deste processo, o Brasil foi o terceiro país que mais recebeu imigrantes, com 2,9 milhões de pessoas (OLIVEIRA, 2001: 22). Diversas nacionalidades aportaram aqui, entre elas, as que mais se destacaram segundo dados do IBGE, foram, respectivamente, italianos, portugueses, espanhóis, japoneses, alemães e sírios-turcos.

Do total de imigrantes que vieram ao Brasil, algo por volta de 57,7% foram acolhidos por São Paulo. Para o autor Boris Fausto a preferência por este local

pode estar vinculada às facilidades concedidas pelo Estado, tais como passagem e alojamento, somadas às oportunidades de trabalho de uma economia em expansão (FAUSTO, 2009: 156). Estes, em sua maioria, vieram para trabalhar na lavoura de café, algo em torno de dois terços, uma vez que esta demandava uma grande força de trabalho, porém os imigrantes não se restringiram a apenas este setor.

Os italianos foram o grupo mais numeroso no Estado, em sua grande maioria vieram para trabalhar nas plantações de café, pois teriam os custos da viagem subvencionados. Estes foram seguidos pelos portugueses que se concentraram majoritariamente na capital, tendo apenas alguns poucos se destinado à agricultura. Já os espanhóis e japoneses, preferiram se dirigir a pequenas cidades do interior e os sírio-libaneses, desde sua chegada, optaram majoritariamente por viver na capital, constituindo também uma imigração espontânea, já que o governo não subsidiava pessoas que não fossem trabalhar nas fazendas (FAUSTO, 2009: 162).

Os fatores que impulsionaram a maioria destas imigrações para São Paulo são na maioria das vezes, os mesmos: a pobreza do local de origem e a esperança da facilidade de obtenção de terras na América. Porém, os locais em que se instalaram e as atividades que exerceram no momento de sua chegada parecem em um primeiro momento indicar que estes preferiram se manter em setores com os quais estavam habituados em seus locais de origem. Percebe-se que a despeito do imigrante estar inserido também no meio urbano, a primeira imagem que temos deste é no meio rural. Atualmente, uma série de estudos têm tentado mudar estas características, realizando pesquisas sobre a presença destes “estrangeiros” no meio urbano.

No campo cultural muitas vezes a atuação do imigrante também é esquecida, uma vez que, amplamente, se privilegia seu impacto no campo econômico, por meio de estatísticas e de estudos de suas atividades no comércio e na indústria, mostrando, por este viés, sua importância para o desenvolvimento do país. Este fator é sim importante, porém não foi o único influenciado pela imigração, esta deixou marcas também no cotidiano da cidade.

A mistura dos povos se fez presente nos diversos sotaques paulistas, na gastronomia, na literatura e, notadamente, na arquitetura com novas formas de morar e construir, que irão gerar novas formas de apropriação da cidade. Não apenas o fator econômico é importante, mas também suas redes sociais formadas no local para onde migram, suas formas de viver e as transformações que exercem na paisagem urbana também. Alguns estudos que seguem por este caminho tratam a colônia italiana, porém outras comunidades que vieram para São Paulo não são

contempladas. Este estudo tem por objetivo mostrar uma destas colônias: a dos imigrantes sírio-libaneses e um pouco de sua contribuição à paisagem urbana da cidade de São Paulo.

O caso sírio-libanês

Passados 133 anos do considerado marco inicial da imigração sírio-libanesa ao Brasil, poucos trabalhos têm como tema a história deste povo. Apesar de serem menos expressivos numericamente que os italianos, portugueses, alemães e espanhóis, os sírio-libaneses contribuíram no desenvolvimento de algumas regiões de São Paulo, como, por exemplo, da área mais conhecida, conformada pelas ruas, 25 de Março, Cantareira e a Avenida do Estado. Um observador, em 1940, escreveu sobre a concentração desses imigrantes nesta região,

Onde o amendoim torrado cede lugar à semente de abóbora, e o quibe, sob todas as formas, sobrepuja o típico feijão com arroz brasileiro... O ambiente é francamente sírio. Há livrarias que só vendem livros escritos em árabe. Ouve-se, constantemente, música típica e canções dolentes e sentimentais pelas melhores vozes do Oriente. Nas confeitarias e nos cafês, os rádios, em geral estão ligados para as estações que irradiam músicas árabes e os fregueses falam mais em língua estrangeira do que na língua do País (ARAUJO, 1997: 49).

78

Além disso, a imagem desta comunidade está marcada no imaginário da população por suas atividades comerciais, que foram exercidas ao longo de todo país. Existem diversos personagens da literatura que corroboram esta imagem, por exemplo, no romance de Jorge Amado, “Gabriela, Cravo e Canela”, o personagem Nacib, de origem sírio-libanesa, é um comerciante estabelecido em Ilhéus, Estado da Bahia, conhecido pela população como o turco que possui uma “lojinha que vende baratinho” (AMADO, 2001).

O romance mostra a profissão que a maioria dos imigrantes que vieram ao Brasil exerceu: a de mascates que futuramente se tornaram proprietários de comércios. Estes mascates se estabeleceram em todo o país, porém foi o Estado de São Paulo que atraiu a maior parte destes: 38,4% em 1920 e 49,2% em 1940, seguido do Distrito Federal e de Minas Gerais.

Apesar de terem se estabelecido no comércio, ao chegarem à capital, a maioria destes imigrantes eram agricultores no local de origem, porém o que explica esta diferença de profissões do local de origem para o local de chegada é que a forma de produção agrícola brasileira era em muito diferente da realizada no

Oriente Médio. Aqui, predominavam os latifúndios, enquanto lá, as propriedades familiares eram maioria. Outro fator que afastou estes imigrantes da agricultura foram as redes de informação que destacavam as condições precárias que os imigrantes eram submetidos no campo (KNOWLTON, 1961). Truzzi pontua que o fato de virem sem recursos fazia com que ser proprietário de terra fosse algo muito distante de sua situação, isto seria possível apenas duas gerações posteriores às suas (TRUZZI, 1997). Sendo assim, se estabelecer no comércio foi, em um primeiro momento, a escolha mais plausível a estes imigrantes que se estabeleceram na capital em fins do século XIX.

Não podemos dizer que o comércio fosse uma atividade distante destes uma vez que o território de onde vieram correspondia à localização da antiga Fenícia. A situação geográfica destas terras, cercadas pelo mar e pelas montanhas fizeram com que os fenícios se desenvolvessem no comércio em lugar da agricultura, portanto, verifica-se que a tradição comercial sírio-libanesa já existia antes de seu estabelecimento no Brasil. O fator geográfico não influenciou apenas no desenvolvimento do comércio. Para o antropólogo Jean Sallem, este elemento foi decisivo, também, para o processo migratório. Sua tese é de que os aspectos geográficos influenciaram no surgimento de características psicológicas como a flexibilidade e mobilidade, bem como a manutenção e permanência dos costumes (SALLEM, 1969).

Para além da tradição comercial, o investimento inicial na profissão de mascate era baixo já que começavam vendendo miudezas:

De início, operavam nas ruas da Capital, fornecendo objetos leves e baratos: pentes, colchetes, botões, agulhas, linhas, perfumes, sabonetes, fitas e roupas de baixo. Depois, com experiência e algum domínio da língua, expandiam suas atividades ao interior [...] (HALL, 2004: 141).

Houve também outros fatores que foram decisivos para o sucesso dos mascates: o aumento do mercado consumidor com o crescimento demográfico, a flexibilidade material, uma vez que podiam se locomover para diversos lugares vendendo seus produtos, que eram mercadorias não muito difíceis de transportar e a necessidade que as pessoas possuíam de seus produtos.

A maioria dos sírio-libaneses conseguiu acumular uma quantidade grande de capital já que desde o início preferiram adotar um sistema de vender barato para vender muito e eram bastante econômicos em seu cotidiano conseguindo acumular

capitais apreciáveis (DUOUN, 1944: 115). Por meio da acumulação de capital conseguiram adquirir capital para comprar propriedades e estabelecerem seu comércio, geralmente no ramo de armarinhos, em um local fixo. As propriedades adquiridas usualmente se concentraram em bairros de grande fluxo populacional em São Paulo, por exemplo, nos bairros centrais perto das estradas de ferro, local de desembarque de um grande fluxo de pessoas. Isto beneficiaria tanto a venda de seus produtos quanto facilitaria o recebimento das mercadorias.

Percebe-se que a atividade desenvolvida pelos imigrantes sírio-libaneses não ia ao encontro com os projetos que a sociedade possuía para a emigração, que era suprir a falta de mão-de-obra. Os imigrantes que haviam ido ao setor comercial não resolveriam: “o problema do braço agrícola, não era conveniente ao país. A imigração síria está nestas condições e é preciso dizê-lo sem reservas, pois as ideias não se misturam com interesses e conveniências” (AMARÍLIO JÚNIOR, 1935: 39). Como visto anteriormente, a imigração sírio-libanesa era contrária ao projeto de embranquecimento que desejavam as elites brasileiras defendendo a imigração de trabalhadores europeus, considerando os “árabes” como indesejáveis.

80

Logo ao contrário do que se desejava, uma imigração rural, a imigração sírio-libanesa foi majoritariamente destinada a ambientes urbanos e formada principalmente por homens solteiros. Os registros de entrada dos imigrantes pelo porto de Santos corroboram essa afirmação. Os sírio-libaneses são o grupo que apresenta maiores porcentagens de solteiros (63,58%), do sexo masculino (69,69%) e de avulsos (56,07% entrados sem família), comparando com as outras principais etnias no período de 1908-1939.

Alguns fatores impulsionaram a vinda destes homens ao Brasil. Em primeiro lugar está a precária condição econômica a que estavam submetidos no local de origem, mas também, elencam-se fatores políticos e religiosos.

Durante o século XX o governo turco tomará medidas impopulares incitando que as religiões ficassem umas contra as outras, ocasionando em 1861 o massacre de muitos libaneses cristãos. Não se pode esquecer que entre estas comunidades a religião possui um papel central, estando presente nas mais variadas dimensões da vida, ultrapassando a natureza espiritual. A perseguição religiosa levará muitas famílias cristãs libanesas e sírias a abandonar o Oriente e migrar.

Dessa maneira, pode-se expor que o uso da expressão sírio-libanês se dá pelo fato de que até 1926 quando a República do Líbano foi criada, tanto Síria quanto Líbano estavam em um mesmo território, a grande Síria. Como Rizkallah Jorge veio ao Brasil em 1895, sua origem ainda era “turca”, pois ainda faziam parte

do Império Turco-Otomano, depois da separação passaram a ser denominados sírio-libaneses. Segundo Gattaz, a imigração árabe, a rigor, engloba outras nacionalidades, como egípcios, palestinos, sauditas, iraquianos e outros, porém os libaneses respondem por cerca de 70% dos imigrantes árabes, no Brasil.¹

O impacto destes homens e mulheres na cidade de São Paulo será estudado por meio de um de seus representantes que até o presente momento não possui nenhum estudo acadêmico: Rizkallah Jorge Tahan. Nascido na cidade de Aleppo, norte da atual Síria, em 1867, assim como tantos outros conterrâneos, migrou para o Brasil por fatores econômicos-demográficos e sociais.

Assim, o objeto deste estudo pode colaborar com a tarefa de mostrar que, para além dos aspectos econômicos da atividade comercial de Rizkallah Jorge Tahan, sua contribuição se deu também na paisagem da cidade, por meio de construções, que, em alguns casos, se mantêm até hoje. Ao se propor um estudo sobre Rizkallah Jorge Tahan, procura-se estudar o empreendedor urbano, que se envolveu com negócios imobiliários, com empresas ligadas ao ramo da construção civil salubre e higiênica e que soube construir um papel “positivo” (BOURDIEU, 1992) junto às comunidades que frequentou. Com isso, percebe-se que para além do mito, estão aspectos de história social da arquitetura, do urbanismo e da imigração que se entrelaçam e tornam o ator social em questão foco privilegiado de investigações. Convém frisar que o recorte temporal desta pesquisa vai de 1895, ano em que se estabeleceu no Brasil, aportando em Santos, até o ano de sua morte, em 1949.

81

Atividade no Mundo dos Negócios: Casa da Boia, negócios imobiliários, benemerência

A face mais conhecida da figura de Rizkallah Jorge, sem dúvida, é a ligada ao comércio, como o proprietário da Casa da Boia. A história desta loja

1 As características da imigração de Rizkallah Jorge parecem bastante singulares, se analisadas em comparação com as características do processo migratório desta nacionalidade escritas em “Sírios e Libaneses e seu Descendentes na Sociedade Paulista”. Truzzi propõe que a decisão de migrar era tomada no seio familiar, esta se destinava a uma acumulação de capital que serviria para adquirir bens em sua terra de origem tendo assim um caráter temporário; por fim propõe que a maioria destes veio para ser mascate uma vez que é uma profissão que exige pouco investimento inicial. O caso de Rizkallah mostra que quando imigrou já era casado, portanto o padrão homens solteiros que são enviados pela família não se encaixa com seu caso e ao chegar a São Paulo este não se tornou mascate e, sim, trabalhou como funcionário em uma empresa. Com o dinheiro que acumulou neste período, não comprou propriedades em sua terra natal, mas adquiriu a Casa da Boia, trazendo, posteriormente, sua família ao Brasil, indicando possivelmente que sua migração não possuía um caráter temporário.

está intimamente ligada tanto ao seu fundador, quanto à história da própria cidade de São Paulo. Rizkallah, quando chegou ao Brasil, já era um artesão hábil e percebeu que sua habilidade como fundidor, não era comum na cidade, portanto viu a possibilidade de instalar uma pequena indústria para desenvolver o ofício que dominava perfeitamente desde sua terra natal. Após três anos juntando dinheiro foi fundada, inicialmente chamada, Rizkallah Jorge e Cia, local que vendia, principalmente, materiais hidráulicos, na grande maioria feitos em cobre e trazidos do exterior.

Além da habilidade artesanal de Rizkallah, outro fator propiciou o sucesso deste empreendimento: a situação sanitária e a importância dada a ela neste período. Os efeitos da falta de saneamento deixavam vítimas na cidade desde o século XIX, pela doença classificada pelos médicos da cidade como “febres paulistas”. Este problema, entretanto, não era somente paulista, mas nacional, e foi alvo de uma ação política mais enfática no país, a partir de 1918. No início dos anos 1920 houve um movimento sanitarista nacional que procurou, por meio do saneamento e da educação sanitária, a cura para as epidemias que assolavam a população.

82 A questão sanitária foi uma preocupação do Estado de São Paulo desde 1892, momento em que foi criado o órgão estadual da Diretoria de Higiene, que definiu quais seriam as prioridades de ação do governo nas questões sanitárias. Em decorrência desta preocupação o espaço urbano da capital e de algumas outras cidades foi reformado, buscando-se conter as epidemias e equipar as cidades com rede de água e de esgoto, drenagem de córregos, serviços de coleta de lixo, bem como com o estabelecimento de normas para a construção de casas e outros edifícios. Estas normas estavam sistematizadas nos Códigos de Posturas, já mencionados anteriormente, que estabeleciam normas para as construções, como as inerentes às alturas entre chão e teto, a necessidade de janelas em todos os cômodos, eliminação de alcovas etc., Todas estas medidas foram tomadas para evitar as epidemias que afetavam a saúde da população.

Apesar da melhoria na qualidade de vida com a riqueza do café em fins do século XIX, a situação precária do saneamento agia diretamente no aumento das epidemias, em especial daquelas cujas contaminações se dava pelos sistemas de água e esgoto. É possível ter uma dimensão do grau de afetação dessas epidemias sobre as cidades de São Paulo, por meio do relatório do Secretário do Interior, Vicente de Carvalho, datado de 7 de Abril de 1892. Enviado ao Vice-Presidente do Estado de São Paulo, o relatório dizia que:

Mesmo em circunstâncias ordinárias, no gozo do clima tradicionalmente bom com que a natureza favorecia a generalidade do território paulista, a higiene devia preocupar seriamente a atenção dos poderes públicos. Era um dever de previdência opor todas as resistências da higiene à invasão da imundície humana. Que acompanha a acumulação progressiva das populações, que vinga mesmo contra as melhores condições naturais. Desgraçadamente, não cabe já à nossa geração, o simples cumprimento dessa tarefa. É tarde para prevenir. A peste penetrou pelas portas escancaradas que o desleixo lhe facultou. Vimos encontrá-la vencendo na conquista do nosso território para a desolação e para a morte. Não nos criemos ilusões inúteis e perigosas. Não fechemos os olhos diante da evidência. A febre amarela transpôs a barreira da Serra do Mar, que parecia opôr-se-lhe, e revela-se domiciliada, senhora do terreno, no opulento Oeste do Estado. Acredito que um enérgico esforço nesse sentido não será desaproveitado. A eliminação dos focos de infecção, pelo saneamento, e o exercício constante de uma rigorosa polícia sanitária, defender-nos-ão sem dúvida das invasões da peste (TELAROLLI, 1996: 139).

Estas doenças afetavam a máquina administrativa, o setor cafeeiro e o cotidiano das cidades, não poupando, como visto, a capital. Sendo a febre amarela a principal, pode-se apontar outras doenças, como a febre tifoide, que também causaram morte de diversas parcelas da população. Adolpho Lutz advertiu que a imprensa deveria informar a população e a municipalidade deveria fornecer subsídios para a prevenção desta. Para este sanitarista, a principal questão que envolvia esta doença era a higiene:

Pelos jornais diários devemos advertir ao público de não usar senão água filtrada. ... Entre nós não se pode negar que temos uma epidemia. Prevenir a população seria o primeiro passo. Em segundo lugar, devemos influir sobre as autoridades, para colocar filtros em todas as casas. Para não embaraçar, neste caso, as classes mais pobres, o governo devia encomendar uma quantidade grande de filtros e vendê-los a preço de custo. Seria também de grande importância mandar examinar todas as fontes da Cantareira, se contêm bacilos de tifo, e não deviam ser usadas aquelas em que se encontrassem os mesmos. Devia-se nomear uma comissão de médicos da sociedade, encarregando-os da instrução do público, como também de fazer as propostas necessárias às autoridades competentes (TEIXEIRA, 2004: 17).

O que se observava é que os profissionais de saúde procuravam saídas para conter esses problemas que afetavam, sobretudo, as populações mais pobres. Os autores Paulo César Xavier Pereira e Maria Ruth Sampaio, chamam atenção para o fato de que os relatórios produzidos pelas autoridades que em fins do XIX apontavam para uma situação habitacional semelhante, que destacava a precariedade dos cortiços infectos e insalubres situados nos bairros centrais da

cidade. A principal preocupação era que uma possível epidemia afetasse toda a população.

Com foi abordado no capítulo anterior, o município realizou obras tentando modernizar a área central, porém, não se pode deixar de frisar o papel desempenhado, intencionalmente, pela iniciativa privada. A relação entre o setor público e privado foi uma faceta importante da modernização de São Paulo, levando, inclusive, a administração pública a oferecer incentivos para que o setor privado se dispusesse a colaborar na questão do higienismo. Portanto, permitiu que os empresários imobiliários atuassem conforme seu interesse segregando as pessoas, e empurrando as que viviam nos cortiços das áreas centrais para as áreas periféricas, pois estas representavam um “perigo” à situação sanitária. Para os autores será neste processo que haverá uma contradição, uma vez que o crescimento da cidade se deu em função de interesses dos empresários imobiliários do período, que usaram a terra como reserva de riqueza e realizaram uma expansão maior que a necessária para abrigar a população da capital (SAMPAIO, 2003: 167).

84

Apesar da preocupação com o saneamento e com as epidemias, esta questão não foi resolvida rapidamente. Em 1920, foram tomadas ações nacionais objetivando o combate às doenças endêmicas do país, como a malária e a doença de Chagas, para citar apenas as mais recorrentes. A população pressionava pela criação de um Ministério da Saúde Pública, por vislumbrar, nesta ação, um caráter nacional para o tratamento da saúde do brasileiro. Em fevereiro de 1918, representantes das elites política e intelectual fundaram a Liga Pró-Saneamento do Brasil, sob a direção de Belisário Pena. Este fato marcou a passagem de um período mais espontâneo da campanha sanitária para uma ação mais organizada. Em 1918, a epidemia de gripe espanhola deu visibilidade a esta campanha e, em dezembro de 1919, foi criado o Departamento Nacional de Saúde Pública (DNSP), que garantiu maior amplitude aos serviços sanitários federais. A partir de então, a participação e a intervenção do Estado na área de saúde pública só tendeu a se ampliar e se solidificar.

Portanto, é possível perceber que a questão sanitária era uma discussão latente tanto antes da fundação do comércio Rizkallah Jorge e Cia, quanto depois, e será por causa de uma destas epidemias que o comércio ganhou fama na capital paulista. Mario Rizkallah, neto de Rizkallah Jorge, conta que o lugar obteve grande fama principalmente depois de 1911, quando uma epidemia de febre amarela afetou a cidade e se alastrou rapidamente devido às condições sanitárias precárias. Aproveitando este contexto e o nicho de mercado que se criava em decorrência

da saúde pública, tendo em vista o predomínio do higienismo e do sanitarismo na virada do século, Rizkallah Jorge passou a comercializar as boias para caixa d'água que fizeram com que seu estabelecimento passasse a ser conhecido como “Casa da Boia”, e mudasse, conseqüentemente, sua razão social para “Casa da Boia S. A. Comércio e Indústria de Metais”.

Outro ponto fundamental para se compreender a trajetória deste comércio está relacionado às tradições da cultura de Rizkallah. Para os sírio-libaneses, assim como para outras nacionalidades que afluíram ao Brasil, a família assume um papel central, tanto na vida dentro da casa, como no mundo dos negócios. Logo, a economia familiar terá muita importância nas fases iniciais destas empresas, já que no primeiro momento os negócios dependem do trabalho familiar. Truzzi destaca que “organizar a família para cooperar e sobreviver moldou a entrada do imigrante na nova sociedade. A célula familiar permaneceu o modo tradicional de compreender e de ordenar a vida” (TRUZZI, 2000: 330). Logo, grande parte do sucesso dos empreendimentos da colônia sírio-libanesa se deu neste sentido, algo passível de ser verificado na administração da Casa da Boia. Os filhos de Rizkallah sempre trabalharam e frequentaram a loja, e se tornaram sócios em 1934.

Por todos os fatores mencionados anteriormente, tanto o fundador, como a Casa da Boia, enquanto lócus comercial adquiriram notoriedade na cidade de São Paulo. Um claro indicativo disto está presente em um recorte de jornal arquivado no acervo da Casa da Boia. A matéria aponta que:

85

Rizkallah Jorge [...] E' mais um grande luctador que São Paulo conta entre os seus industriaes. O sr.Rizkallah Jorge é perito em todos os artigos que sahem de suas bem montadas officinas. Tudo que diz respeito a fndição, tornearia e nickelaçãoelle executa com uma maestria inegualavel: alambiques, bombas, chuveiros, balanças, medidas, etc., são procurados de preferencia em sua casa e principalmente torneiras de qualquer feitio, pois é nesse artigo que elle revelou-se unico especialista em sua fabricação. Pelo bellomostruario que reproduzimos na página anterior vê-se que este dedicado industrial tambem concorreu ao grande certamen nacional expondo os magnificas trabalhos das suas correctasofficinas. Lá sem duvida saberão premiar com justiça a sua louvavel dedicação.

As publicações de divulgação do local também dão destaque a seu fundador, mesmo as que tratam do período posterior a sua morte e aos prêmios recebidos, os objetos produzidos e seus mostruários premiados tanto na Exposição Nacional Comemorativa do 1º Centenário da Abertura dos Portos do Brasil, quanto na Feira Internacional de Turim. Este é o caso da revista *Commercio e Industria* e de outro

recorte , cuja autoria e publicação não foram passíveis de identificação, mas que contém a foto de Rizkallah e faz menção ao prêmio de Turim. O texto é o seguinte:

Casa da Boia, [...] Grande fabrica de artefactos de metal para encanamentos de agua, gaz, exgostos; arandellas e lustres para luz electrica. Premiada com o grande premio na Exposição nacional de 1908 - Medalha de ouro - Exposição de Turim 1911.

Pelas premiações recebidas, pelos objetos produzidos na Casa da Boia, fica clara a preocupação que havia com a qualidade técnica e com o *design* de seus produtos. Esta preocupação fez com que Rizkallah contratasse dois funcionários europeus para modernizar, otimizar e ensinar a fabricação de alguns objetos em sua indústria. O artesão desejava que sua produção estivesse de acordo com o que era feito em outros lugares. Para tanto, contratou GroszeNipper por um período de dois anos, por doze mil réis por dia. Em contrapartida, este deveria se comprometer a não faltar ao trabalho e não trabalhar em nenhuma outra fábrica, caso isso ficasse comprovado seria imputada uma multa por rescisão do contrato. Nipper se comprometia, ainda, a cumprir com uma determinada produção diária, que compreendia “repuxar 12 boias e 50 chuveiros”, bem como “ensinar a um ajudante seu ofício”.

86

O outro funcionário contratado foi o alemão Wilhelm Lusting, contratado em 1912, para melhorar a parte de fundição, “tanto na moldagem como na preparação das ligas de metaes, fornecendo aos fundidores os respectivos modelos, conservando estes em boa ordem e concertando-os quando estiverem estragados”. Assim como Nipper, Lusting também se comprometeu a ensinar a outro funcionário os misteres referentes à fundição. Seu ordenado seria de 400\$00 no primeiro ano e 500\$000 no segundo. Descobriu-se que, Rizkallah também pagou as despesas de sua viagem.

A repercussão que os objetos vendidos pela Casa da Boia tiveram em São Paulo, pode ser identificada nas reportagens do jornal “O Estado de São Paulo”. Estas, tratam da venda de produtos da Casa da Boia para a municipalidade, mostrando que seu sucesso não se dava apenas com a iniciativa privada. As matérias de 1910 mostram que foram pagos “6\$000 a Rizkallah Jorge; [...] pelos materiaes fornecidos para as obras de quinta delegacia” (O ESTADO DE SÃO PAULO, 04 setembro 1910); “8\$000 a Rizkallah Jorge; [...] por fornecimentos á Repartição de Aguas e Exgottos” (O ESTADO DE SÃO PAULO, 06 setembro 1910) e “28\$000 a Rizkallah Jorge; (...) por fornecimentos dados para obra do prédio n. 1 da rua do Carmo” (O ESTADO DE SÃO PAULO, 04 setembro 1910). Em seu acervo

também constam comprovantes de compra, por parte do município, de objetos tais como cano de chumbo, sifão de chumbo, torneiras de boia e ralos de cobre para obras do Ginásio do Estado, na rua Frederico Alvarenga, em 1931.

A Casa da Boia foi, sem dúvida, a principal atividade desenvolvida por Rizkallah e foi por meio do retorno financeiro que ela lhe forneceu, uma vez que o comércio passava por um momento de franca expansão em decorrência do aumento populacional, que Rizkallah pode diversificar suas aplicações para diversos setores, como atividades imobiliárias e importação e exportação de cargas. A escolha pelo investimento nesses ramos se deu pelo contexto urbano da capital paulista.

Rizkallah e sua inserção em diversos setores

O cenário urbano e cultural de São Paulo, nas primeiras décadas do século XX, será o de uma capital cosmopolita composta por mais de 40% de estrangeiros em sua população (LEMOS, 1987: 73). Como consequência desta nova composição da população e do processo de modernização pelo qual a cidade passava, novos costumes foram criados, novas formas de sociabilidade e de usos do espaço foram estabelecidas. A autora Sabrina Costa destaca que essa nova forma de vida se colocou de maneira profunda a todos os cidadãos da cidade. Estas modificações impactaram a todos, inclusive aqueles que não possuíam um poder aquisitivo que lhes propiciasse o conforto da modernidade, como, por exemplo, a aquisição de aparelhos domésticos que facilitavam a vida no lar, ou até mesmo, de gozar as “benesses” do lazer, como frequentar as diversas salas de cinemas existentes na cidade (COSTA, 2009: 17). Apesar de nem todos estes elementos serem acessíveis à plenitude da cidade, de fato, pode-se afirmar que todos foram afetados pelo novo ritmo que a cidade em franco processo de modernização estabelecia, quer seja pelas novas vias e rodovias que interligavam os espaços, pelas novas tecnologias que geravam uma nova concepção de espaço a respeito das distâncias (BAUMAN, 1999: 15).

Porém, não foram apenas as modificações de cunho social que influenciaram a vida dos cidadãos, surgiram, também, outras de caráter econômico. Três fatores serão primordiais para a nova forma de investimento que passará a ter grande popularidade na cidade. O primeiro fator, destacado por Antônio Egydio, é que após a falência do Banco Mauá, em 1875, a população passou a desconfiar dos estabelecimentos bancários, deslocando suas aplicações para outros ramos que consideravam mais seguros.

O segundo será pontuado por Carlos Lemos, que considera que as riquezas proporcionadas pelo café, pela indústria e, até mesmo, pelo capital estrangeiro foram atraídos para as atividades rentistas como consequência do esgotamento das concessões de ferrovias e de serviços públicos de eletricidade e transporte. As atividades imobiliárias, conseqüentemente, irão ganhar destaque frente aos outros investimentos que haviam sido populares até então. O autor ainda destaca o fato de que o aluguel, além de ser bastante rentável, em determinado momento casas de porte médio se igualaram aos juros pagos pelas ações da Companhia Paulista de Estradas de Ferro. Apesar da afirmação de Carlos Lemos a historiadora Maria Luiza Ferreira de Oliveira, mostra que os ganhos com aluguel já era parte importante da vida econômica da cidade em meados do século XIX (OLIVEIRA, 2005).

O terceiro e último fator se dá no fato de a capital paulista, que se expandia com enorme rapidez, ter uma enorme demanda por moradias, que aumentava cada vez mais conforme as pessoas se deslocavam do campo para a cidade. Portanto, este processo estimulava a construção de habitações, e a escassez destas, que tornava a procura maior do que a oferta elevava o preço dos aluguéis, dando aos investidores do empreendimento imobiliário a garantia de uma rentabilidade elevada. A expansão no número de habitações está indicada em Lemos: “em 1900, a capital do café abriu o século com vinte e um mil prédios construídos no perímetro urbano. Em 1910, as construções chegaram a trinta e duas mil (LEMOS, 1987: 73).” Nota-se que houve um aumento mesmo se considerando as construções de taipa que foram substituídas.

A propriedade imobiliária passou a representar a principal forma de riqueza; ela era a manifestação exterior do *status* de seu proprietário, e por seus rendimentos era também a principal forma de ampliá-la. Paulo César Xavier Pereira coloca que a propriedade imobiliária substituía a riqueza antes representada pela propriedade de escravo (PEREIRA, 1998: 60).

Durante o processo de expansão urbana financiado e, em grande parte, realizado pela iniciativa privada, diversas parcelas da população irão empregar seus rendimentos na aquisição de terrenos e na construção (EGYDIO, 1973: 23). Investidores de diversos portes, desde pequenos comerciantes até grandes capitalistas que construíram bairros inteiros irão surgir neste ambiente econômico. Raquel Ronilk destaca que este processo não se trata apenas da expansão do número de construções, mas, sobretudo, da transformação das relações econômicas, nas relações entre proprietários e locatários e na figura do empreendedor imobiliário,

um “capitalista”, segundo termos da época (ROLNIK, 1997: 104).

Se inserindo neste período em que as atividades rentistas ganhavam força, podemos identificar em Rizkallah Jorge a característica do capitalista da época. Este realizou uma série de empreendimentos com o fim imobiliário, abordados detalhadamente no capítulo anterior. Estes empreendimentos - os edifícios Palacete São Jorge, Palacete Paraíso e Palacete Aleppo, na Rua Carlos de Souza Nazaré; um prédio, no número 1003, 279, 285 e 84, da Rua 25 de Março; 15 da Rua Florêncio de Abreu e uma casa na Senador Queiroz – permitem colocá-lo como um proeminente investidor nas “rendas de aluguel”, assim como foram outros paulistas de sua época, como José Paulino Nogueira, Nhonhô Magalhães e o próprio Comendador Martinelli (ATIQUE, 2004).

As construções de Rizkallah Jorge expressam uma característica do período: a verticalização. Seus palacetes Aleppo, São Jorge e Paraíso possuem cinco, seis e sete andares respectivamente. Para Fernando Atique, a verticalização, além de incrementar a produção rentista, também foi uma possibilidade de introduzir modificações no espaço que se tornaram marcantes na paisagem. Logo, o edifício coletivo e vertical mais do que apenas incrementar as riquezas, serviria para criar e representar uma projeção social de seus “promotores” (ATIQUE, 2004: 46).

89

Alguns contratos de locação presentes no acervo pessoal de Rizkallah mostram como esta atividade era desempenhada. Como exemplo, tomemos o contrato de 1939, que trata da locação do apartamento 308, do 3º andar, do prédio situado no número 829 da rua Anhangabahú, por parte de Dona Anita Sagre. Nele, fica estabelecido que esta senhora se compromete, por seis meses, a pagar a quantia de 330\$000 mil réis mensais. As cláusulas do contrato são as seguintes:

O locatário se obriga: a) a manter os soalhos encerados; b) a conservar com devido asseio os apartamentos; c) a não perturbar os socego dos vizinhos; d) a não espetar pregos ou guarnições que estraguem as paredes; e) a não ter cães ou quaisquer outros animais ou aves que possam incomodar os inquilinos do prédio; f) não andar em trajes menos decentes, no patamar das escadas e terraços; g) a manter em perfeito funcionamento as instalações conforme é entregue: de gaz, electricidade, esgotos, torneiras, fogão, fechaduras, aparelhos sanitários, conservar vidros e marmores, pinturas, para assim restituí-los quando findo ou recindido este contracto, e substituir, por igual qualquer estrago ou quebra a sua custa” (BOIA, Casa. Acervo).

O formato do contrato e suas cláusulas indicam que a atividade de locação possuía um aparato legal que a apoiava, não sendo apenas um trato verbal. Também em

seu acervo foram compulsados outros contratos, tais como o dos zeladores Sylvio Casari e sua esposa, que irão receber um ordenado de 300\$000 mil réis, para abrir as portas, retirar o lixo, limpar o hall, varrer os corredores, chamar atenção das pessoas que infringirem o regulamento.

Os palacetes e outros imóveis foram alugados tanto para residências, quanto para áreas comerciais em seus pisos térreos. O sírio-libanês também era proprietário de um local chamado Garage Rouge na Rua Florêncio de Abreu, e possui contratos de locação referente a este espaço, mostrando sua diversificação de propriedades e de classes sociais com quem tratava, já que o automóvel era, neste momento histórico, um produto de luxo, na capital. Em virtude da sua atuação no mercado imobiliário, o imigrante pode ser considerado como um típico capitalista do período, porém, suas atividades financeiras não se limitaram ao comércio e aos aluguéis. Entre a gama de negócios desenvolvidos por Rizkallah podemos identificar em seu acervo documental a importação e exportação de cargas, sendo que alguns episódios se destacam.

O primeiro, se refere a uma compra datada de 14 de setembro de 1916 por parte da *Wilson Sons & Cia Limited* de vinte toneladas de cartuchos vazios. Esta companhia pagou mil e cem réis pelo quilo dos cartuchos e estes deveriam estar acondicionados devidamente para serem embarcados no Porto de Santos. A Companhia Wilson Sons, exigiu que Rizkallah lhes fornecesse uma certidão atestando que as embalagens continham o mesmo conteúdo dos cartuchos.

Apesar de todas estas precauções tomadas pela companhia, esta transação não parece ter acontecido da forma esperada. No acervo, estão presentes diversas correspondências que irão tratar do desenlace das discussões a respeito desta carga. A primeira que introduz a questão segue a seguir:

Amigo e Senhor: Juntamos a presente copia da correspondencia de n/ Casa Matriz com diversos, a respeito dos cartuchos vazios que compramos de V. S. e por nós embarcados para a Inglaterra pelo vapor “Cardiganshire”. Conforme já tivemos occasião de lhe informar verbalmente, foi verificado na Inglaterra, que muitos desses cartuchos estavam carregados, em completo desacordo, portanto, com o que foi estipulado em n/ compra pela qual V. S nos deveria fornecer cartuchos vazios de latão. Alem disso, esse facto nos collocou em situação muitissimomelindrossa para com o Governo Ingles e para com a Mala Real que nos responsabilizaram pelos danos que fossem causados por estarem os cartuchos carregados. Felizmente nãohouve prejuizos apesar de ter havido diversas explosões, mas sobre o preço convencionado como o Governo Ingles tivemos que fazer uma reduçção de 5-0-0 por tonelada sobre doze toneladas ou seja uma differença total para menos de 60-0-0. Tendo sido obrigados a fazer

essa concessão unicamente devido ao facto de V. S. não nos terem fornecido material de accordo com o que foi estipulado, não estamos dispostos e nem podemos tomar com todo esse prejuízo. Não fazemos, porem, questão de perder a metade contanto que V.S. nos indemnisse pela outra metade ou seja Rs 600\$000 e esperamos sinceramente que V.S., verá a justiça do que acabamos de expor [...] (BOIA, Casa. Acervo)

A situação, como verificada na transcrição acima, se deu porque o carregamento de 232 barricadas de cartuchos enviadas para a Inglaterra não estava em conformidade com a amostra enviada. Quando a *Wilson Sons* recebeu a carga esta pode constatar que os cartuchos estavam muitos deles com balas e parcialmente enchidos com pólvora altamente explosiva, algo que poderia ter causado uma enorme explosão no vapor que a transportou. Portanto, as cartas da companhia chamam atenção para o fato de que esta descrição falsa poderia ter ocasionando a perda de vidas, além de outras consequências extremamente graves.

Em virtude de todos os transtornos causados, inclusive uma taxa de indenização em conformidade com o Decreto de Navegação Mercante de 1894 e 1905, a empresa inglesa exigiu que lhes fossem feito um abatimento no valor total da carga, minimizando, segundo alegava, os prejuízos.

91

Outro episódio que retrata a importação de cargas se refere a uma carga de oito fardos de tabaco em folha vindas pelo vapor *Benjamin*. Os documentos contidos no acervo tratam do seguro feito por Rizkallak sobre sua carga por meio da *La Italia*, companhia de seguros marítimos, fluviais e terrestres. O serviço contratado assegurava a carga contra incêndios no trajeto de Buenos Aires até Santos. Após chegar a Santos, segue o comprovante da São Paulo Railway Company com as taxas pagas para que a mercadoria fosse despachada na estação do Pari, em maio de 1915, bem como os comprovantes de pagamentos de impostos sobre o consumo estrangeiro.

Há também uma contenda a respeito de uma importação de tubos de cobre do vapor *Widewake* vindo de Nova York, em 1947. Esta durou 16 anos, sendo resolvida apenas em 1963, após a morte de Rizkallah. A questão se deu em torno do fato de que os impostos cobrados sobre os tubos de cobre se referiam não a seu aspecto e forma que apresentavam no momento do despacho, mas, sim, sobre o que poderiam ser transformados no futuro. Portanto, a quantia paga foi muito maior que a devida. Os filhos de Rizkallah tiveram ganho de causa pelo Conselho Superior de Tarifa e foram ressarcidos.

O maior volume documental do acervo é composto por recibos que

possibilitam compreender a inserção de Rizkallah Jorge dentro de uma rede de negócios internacional, que ultrapassavam as fronteiras brasileiras. Os recibos contam com o selo dos mais diversos bancos ao redor do mundo, como o *Nacional Bank of New York, London & River Plate Bank, The Royal Bank of Canada*, além de dezenas de outros bancos. Estes recibos tratam tanto do pagamento de dívidas, quanto da compra de moedas estrangeiras, como pesos, libras esterlinas para a realização de transações comerciais, como o caso a seguir:

N'esta data o Sr. Rizkalla Jorge, me comprou as seguintes cambias: Krs. 2.000.000 (dois milhões de coroas austriacas) saque sobre Vienna, a taxa de 2/90 9dois reis e noventa). Mks. Pol. 2.000.000 (dois milhões de morcos polacos) saque sobre Varsovia, a taxa de 4. (quatro reis) (BOIA, Casa. Acervo).

Este caráter internacional pode ser percebido também em suas ações de filantropia, pois além dos recibos de doações nacionais - tal como à Campanha de Solidariedade na Defesa contra a Lepra -, há, também, recibos de suas doações internacionais, como as feitas ao fundo britânico da Cruz Vermelha (FOLHA DA MANHÃ, 1932), à Campanha de Arrecadação aos feridos da Guerra Otomana do Consulado Otomano e aos *Frères & Soeurs de Guerre*, dentre outros.

92

Conclusão

Após estudar diversos aspectos que permearam a vida de Rizkallah Jorge Tahan ao longo dos tópicos anteriores, tornou-se evidente que estudar sua trajetória é também analisar: o momento de introdução de mudanças no espaço sanitário de São Paulo, que foi imprescindível para seu sucesso com sua indústria e que possibilitou seu enriquecimento; a imigração e os fatores que propiciaram sua vinda, relacionados à riqueza crescente na capital ligada ao café e à vinda de imigrantes sírio-libaneses que criaram redes de informação; e, por fim, tanto as suas relações de sociabilidade, quanto de identidade, que constituiu reafirmando seu poder simbólico.

Com este recorte específico, se torna evidente a riqueza que os estudos sobre as biografias revelam imbricando em si aspectos políticos, econômicos e sociais. Portanto, ao partir de suas iniciativas na capital se chega ao ator social que se envolveu com uma série de atividades que denotam o cosmopolitismo que passava a tomar conta do ambiente na virada do século XIX para o XX. Rizkallah Jorge teve um papel ativo neste contexto, e a pesquisa identificou sua relevância no

período, algo comprovado pela repercussão que seus atos filantrópicos, tanto para a comunidade paulista, quanto para a Síria, tiveram nos jornais e pela cobertura da imprensa a respeito de sua morte. Isto, somado a sua intensa atividade financeira fizeram com que Rizkallah Jorge mantivesse sua posição junto à comunidade que convivia.

Estes elementos ligados à sua trajetória contribuíram para o surgimento de uma imagem mítica a seu respeito, corroborada por sua família. Nos depoimentos é sempre repetida a visão de que Rizkallah foi um imigrante que veio sem dinheiro e estudo, mas por meio de sua habilidade artesanal e trabalho conseguiu enriquecer, indo morar na Avenida Paulista um dos locais de moradia das classes mais abastadas do período.

Por fim, Rizkallah Jorge foi muito mais cosmopolita - tanto em seus empreendimentos imobiliários quanto financeiros - do que um homem que procurava continuar uma tradição de um determinado grupo de imigrantes numa terra distante do Ocidente, onde, compatriotas aportaram.

Referências Bibliográficas

- AMADO, Jorge. *Gabriela, cravo e canela*. 85. ed. Rio de Janeiro: Record, 2001.
- AMARÍLIO JÚNIOR. *As vantagens da imigração síria no Brasil*. Rio de Janeiro: Estab. Artes Gráficas, 1935.
- Antônio Egydio. *São Paulo Antigo (1554 a 1910)*. São Paulo: Conselho Estadual de Cultura, 1973.
- ANDRADE, Carlos Roberto Monteiro de. *Depoimento* [abril de 2010]. Entrevistadora: FICHER, Sylvia.
- ATIQUE, Fernando. *Memória Moderna: a trajetória do Edifício Esther*. São Carlos: RiMa/ FAPESP, 2004.
- BAUMAN, Zygmunt. *Globalização: As conseqüências humanas*. Rio de Janeiro: Jorge Zahar Editor, 1999.
- BOURDIEU, P. *A economia das trocas simbólicas*. Trad. Sérgio Miceli. 3.ed. São Paulo: Perspectiva, 1992^a.
- COSTA, Sabrina F. S. *Visões da modernidade: análise de algumas representações artísticas sobre as transformações de São Paulo no início do século XX*. Risco Revista de Pesquisa em Arquitetura e Urbanismo, São Paulo, v.10,

2009.

DUOUN, T. *A imigração sírio-libanesa às terras da promessa*. São Paulo: Árabe, 1944.

FAUSTO, Boris. *História Concisa do Brasil*. São Paulo: Editora da Universidade de São Paulo, 2009.

HALL, Michael. *Imigrantes na cidade de São Paulo*. In: PORTA, Paula (Org.). *História da Cidade de São Paulo: a cidade na primeira metade do Século XX*. v. 3. São Paulo: Paz e Terra, 2004.

KNOWLTON, C. *Sírios e libaneses: mobilidade social e espacial*. São Paulo: Anhembi, 1961.

LANNA, Ana Lucia Duarte; LIRA, José Tavares Correia de Lira; PEIXOTO, Fernanda Arêas; SAMPAIO, Maria Ruth Amaral. *São Paulo, os Estrangeiros e a Construção das Cidades*. São Paulo: Alameda Editorial, 2011.

LEMONS, CARLOS. *Ecletismo em São Paulo*. In: *Arquitetura brasileira*, São Paulo: Nobel/Edusp, 1987.

94 LEVI, Giovanni Usos da biografia in: FERREIRA, Marieta de Moraes e AMADO, Janaína *Usos e abusos da história oral*. Rio de Janeiro, Ed. Fundação Getúlio Vargas, 2001.

OLIVEIRA, Lúcia Lippi. *O Brasil dos Imigrantes*. Rio de Janeiro: Editora Zahar, 2001.

OLIVEIRA, Maria Luiza Ferreira de. *Entre a casa e o armazém: relações sociais e experiência da urbanização*. São Paulo: Alameda, 2005.

PEREIRA, Paulo César Xavier. *A modernização de São Paulo no final do século XIX – da demolição da cidade de taipa à sua reconstrução com tijolos*. In SAMPAIO, Maria Ruth Amaral de, (coord.). *Habitação e cidade*. São Paulo: Fapesp, 1998.

ROLNIK, R. *A cidade e a lei: legislação, política urbana e territórios na cidade de São Paulo*. São Paulo: Studio Nobel, Fapesp, 1997, p.104.

SALLEM Jean. *O Povo Libanês: ensaio de antropologia* (Tradução Antoine Boueri) São Paulo: Editora Van Grei, 1969.

SAMPAIO, M. R. A. ; PEREIRA, Paulo Cesar Xavier. *Habitação em São Paulo*. Usp Estudos Avançados 48, São Paulo, v. 17, n. 48, 2003.

TEIXEIRA, Luiz Antonio. *As febres paulistas na Sociedade de Medicina e Cirurgia de São Paulo: uma controvérsia entre porta-vozes de diferentes saberes*. História, Ciências, Saúde-Manguinhos, Rio de Janeiro, v. 11, suplemento, 2004.

TELAROLLI Jr., Rodolpho: *'Immigration and epidemics in the State of São Paulo'*. *História, Ciências, Saúde —Manguinhos*, III (2):265-283 Jul.-Oct. 1996.

TRUZZI, Oswaldo Mario Serra. **Patrícios: sírios e libaneses em São Paulo**. São Paulo: HUCITEC, 1997.

TRUZZI, Oswaldo M. S. *Sírios e Libaneses e seus descendentes na sociedade paulista*. In: FAUSTO, Boris (Org.) *Fazer a América*. São Paulo: Edusp, 2000.